

# VIOLÊNCIA TRANSGÊNEROS

*O que é transgênero e quais são as formas de violência  
(texto a ser decidido)*



# VIOLÊNCIA TRANSGÊNEROS

*O que é transgênero e quais são as formas de violência (texto a ser decidido)*

*Violência significa usar a agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico.*

TEXTO  
DANIELA MOURÃO

ILUSTRAÇÕES  
NATHALIA SCHIAVON

DIREÇÃO DE ARTE  
MARIANA IAMAGUTI





# O QUE É SEXO, GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL?

*Na atual teoria de gênero há três atributos que definem o perfil de identidade sexual de um indivíduo: sexo, gênero e orientação sexual.*

O sexo tem cunho estritamente biológico, é dado pelo par de cromossomo XX no caso do sexo feminino e XY para o masculino. Socialmente o sexo da pessoa é atribuído através do formato do órgão genital. É importante destacar, que mesmo na biologia, a natureza não é tão simples quanto nossa mente se confortaria que fosse. Existem pessoas, denominadas intersexo, que por características genéticas e morfológicas não podem ser colocadas na categoria masculino e feminino, estando umas mais outras menos próximas a um destes dois extremos. Portanto, no fundo, há um espectro de sexos. Porém, neste documento, iremos trabalhar

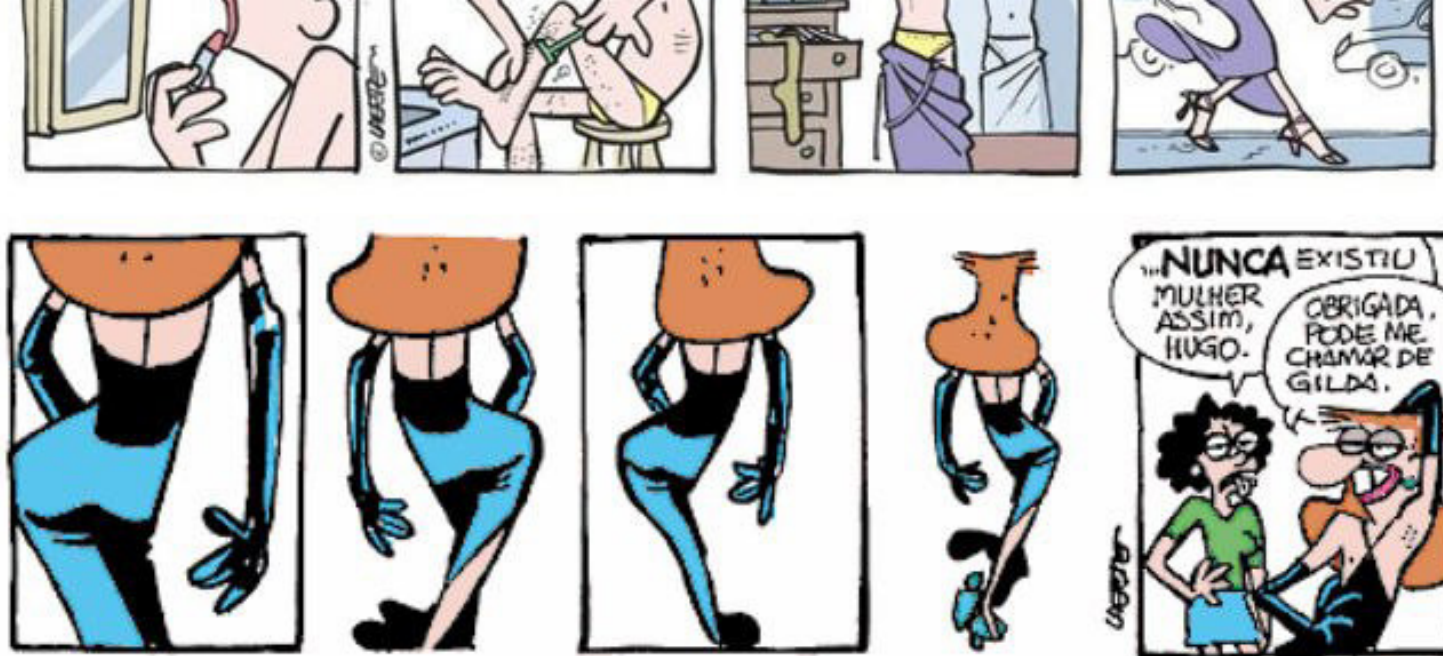
com o que é mais usual, que são os extremos de sexo masculino e feminino.

O gênero tem escopo psico-social. Ele representa como nos reconhecemos e como somos reconhecidos. Na parte psicológica representa a nossa identidade. E na parte social o papel que representamos. O gênero que nos damos é construído ao longo da vida, sendo moldado todos os dias através de ações, comportamento, atitudes, etc. No gênero é que nos tornamos, vivemos e existimos como homem e mulher. Portanto, o ser homem ou mulher é algo que somos pela própria identidade e pela construção desta identidade.

Orientação sexual diz respeito a relações afetivas. Podemos ser homossexual, heterossexual ou bissexual. A preferência quanto ao gênero ou sexo do outro, não se relaciona o sexo e a identidade de gênero própria. Deste modo, não pode se fazer uma relação direta entre ser transgênero e ser homossexual ou heterossexual, como ocorre comumente.

De forma simplificada, o sexo se forma geneticamente na concepção. O gênero por volta dos três anos, na primeira infância, provavelmente após a observação e comparação pela criança de pai, mãe, tio, etc. E a orientação sexual na adolescência com as primeiras experiências de desejos afetivos. É importante frisar, que nenhum deles é escolha, imposição ou influência. O cérebro estabelece um critério dentro da mente, e este critério passa a correr por toda a vida.





# O QUE É TRANSGÊNERO?

No conceito antigo, denominado heteronormatividade, não havia esta diferenciação entre sexo, gênero e orientação sexual. O sexo determinava o gênero, que por sua vez obrigava o relacionamento com o gênero oposto. Tudo o mais era anormalidade ou não entrava na teoria. Ainda hoje, não é difícil encontrar pessoas, mesmo instruídas, com este pensamento. Entretanto, há pessoas, em todo o mundo, que não se encaixam neste esquema único da heteronormatividade. São pessoas com família, vida profissional estável e sem nenhum problema psicológico ou emocional. De forma, que fica demonstrado que a separação de sexo, gênero e orientação sexual é algo real. E necessário para incluir estas pessoas dentro do circuito social, familiar e legal.



# (infográfico ilustrado)

## **classes de transgêneros**

Cisgêneros: Pessoas na qual o gênero é o esperado de acordo com seu sexo são cisgêneros, ou seja, são cisgêneros os homens do sexo masculino e mulheres do sexo feminino.

Transgêneros: Pessoas que não se enquadram no gênero associado ao seu sexo e necessitam fazer cirurgia de redesignação sexual.

Travestis: Transgêneros que se sentem e vivem um gênero oposto ao associado ao seu sexo.

Há várias outras classes de transgêneros, inclusive os que não tem gênero definido, chamados de não-binários. Há também na literatura, outras formas de entendimento do que seja um travesti e um transexual, mas utilizaremos estas por serem comuns na literatura médica.

# O QUE INFLUENCIA A FORMAÇÃO DO GÊNERO?

Transgêneros relatam que sua estranheza no gênero a qual são conduzidos se dá nas primeiras relações sociais da infância. De forma que o gênero é descoberto durante a primeira infância, e portanto, ao contrário do que muitos pensam, pode não haver contribuições psico-educacionais. A monstruosa experiência de Rimmer mostrou claramente que não é possível, mesmo com instrumentos da psicologia, mudar o gênero de uma criança. Transgêneros não “contaminam” outras crianças, já que o gênero é descoberto, e não escolhido, logo na primeira infância. Estudos apontam que a descoberta do gênero começa a se dar a partir dos dois anos, com o contraste de pais, mães, tios, tias etc. Aos três anos a criança passa a ter seu gênero determinado. No caso dos transgêneros, o gênero estabelecido passa então a ser confrontado na vida escolar e social. Em um mundo em que se ensina o machismo e a transfobia através de palavras, atitudes e segregação logo na escola, a criança transgênero passa a entender que ela deve aprender a viver no gênero pré estabelecido para ela.

Pesquisas apontam que a formação do gênero podem ter influências biológicas. Na perspectiva genética, mulheres múltiparas têm alta probabilidade de um dos últimos filhos serem transgêneros. Em gêmeos univitelinos, na qual um dos gêmeos é transgênero, há uma possibilidade de 30% de o outro também o ser. Considerando que a população é de 5% e que a genética tem o elemento probabi-



lístico, há portanto uma evidência da genética ser um dos fatores contribuintes para a formação do gênero. No campo cerebral, existem micro estruturas cerebrais no sistema límbico, amígdala, hipocampo que em transgêneros se alinham mais com pessoas de seu sexo oposto. Este fenômeno se destaca no corpo caloso, tecido que une os dois hemisférios do cérebro, onde é possível reconhecer com boa precisão o sexo do indivíduo. Outro fator é a evolução da vida intra-uterina. Nosso órgão sexual se forma com cerca de 10 semanas, porém a estrutura cerebral relativa com 20 semanas. Durante estas 10 semanas de intervalo podem haver oscilações hormonais que causam discrepâncias entre o sexo formado e o direcionamento ao gênero. Por fim, no nascimento, indivíduos do sexo masculino apresentam um pico de testosterona sanguíneo, a existência ou não deste pico em alguns indivíduos pode também influenciar o direcionamento do gênero.

*Independente de pesquisas fatores biológicos, transgêneros não são pessoas doentes, e devem ser respeitados pelos gênero que se reconhecem e vivenciam.*

lístico, há portanto uma evidência da genética ser um dos fatores contribuintes para a formação do gênero. No campo cerebral, existem micro estruturas cerebrais no sistema límbico, amígdala, hipocampo que em transgêneros se alinham mais com pessoas de seu sexo oposto. Este fenômeno se destaca no corpo caloso, tecido que une os dois hemisférios do cérebro, onde é possível reconhecer com boa precisão o sexo do indivíduo. Outro fator é a evolução da vida intra-uterina. Nosso órgão sexual se forma com cerca de 10 semanas, porém a estrutura cerebral relativa com 20 semanas. Durante estas 10 semanas de intervalo podem haver oscilações hormonais que causam discrepâncias entre o sexo formado e o direcionamento ao gênero. Por fim, no nascimento, indivíduos do sexo masculino apresentam um pico de testosterona sanguíneo, a existência ou não deste pico em alguns indivíduos pode também influenciar o direcionamento do gênero.

**Independente de pesquisas fatores biológicos, transgêneros não são pessoas doentes, e devem ser respeitados pelos gênero que se reconhecem e vivenciam.**

# TRANSGENERIDADE É DOENÇA?

Estudos bem controlados com centenas de transgêneros no México e Inglaterra descartaram a transgeneridade como doença. Em 2015 a OMS publicou uma nota oficial declarando que transgeneridade não se configura patologia. Doenças associadas a transgêneros, como depressão, ansiedade, etc, têm origem cultural e social.

**Por questões relacionadas a não aceitação, violência e pressão social, transgêneros tem 4 vezes mais chances de desenvolver depressão e 10 vezes mais de ideação suicida.**

No manual de diagnóstico de doenças psiquiátricas dos EUA, DSM, na sua quarta edição havia o item descrevendo o “Transtorno de Identidade de Gênero”, na versão atual, este item foi atualizado para “Disforia de Gênero”, que representa justamente estar em um gênero na qual a pessoa não se identifica.

A CID -10 ainda consta o Transtorno de Identidade de Gênero, no rol dos transtornos mentais. Na CID 11 deve ser excluído este item da classe de transtorno mentais inserido uma nova classe para “Incongruência de Gênero” ou ser adicionada na classe Z, que não se caracterizam por doenças.

Muitos médicos defendem que as questões relativas a transgeneridade devem se manter na CID, mas não por ser doença, e sim por requerer intervenções mé-

dicas, como hormonoterapia, cirurgias transexualizadoras, cirurgia de redesignação sexual, etc. Assim como gravidez, vasectomia, exame laboraL etc também possuem CID.



# QUAIS OS TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA TRANSGÊNEROS?

Tem-se a falsa perspectiva que a violência ocorre exclusivamente nos casos de agressão física, e até envolvendo mortes. Isto não é verdade, pois ignora as agressões morais, que nos casos de transgêneros e outras populações sensíveis, precede e até mesmo justifica a violência. As agressões psicológicas, principalmente recorrentes e feitas por grupos, traumatizam e afetam a vida da vítima de forma dramática e permanente.

Para um transgênero, as primeiras agressões podem ocorrer já na infância. A família não aceitando a criança transgênero, recorre à psicologia própria, envolvendo maus tratos e agressões, no sentido de “consertar” a criança ou “fazer virar homem”. Casos de tortura são relatados. No Rio de Janeiro, um pai matou o filho de 8 anos de pancada, devido ao seu incorrigível comportamento.

Na escola, assim como na família, a criança aprende que ser transgênero é ser uma aberração. Este aprendizado ocorre principalmente com as piadas e formas de xingamentos que se relacionam com transgêneros. Elas aprendem que ser chamada de bicha, viado, etc é uma ofensa das mais inaceitáveis. Que é uma das palavras das mais apropriadas para se provocar alguém. Que “bichinha” é protagonista para temas e contos jocosos ou inapropriados.

Esta cultura é uma herança e consequência do machismo. De forma que um homem se tornar mulher, passa a se auto-rebaixar, perder a dignidade. É esta norma adquirida ao longo do crescimento do indivíduo que depois forjará e servirá

de base os agressores de mulheres e transgêneros.

A incorporação destes padrões faz com que as crianças e adolescentes transgêneros não revelem o seu desejo de trocar de identidade. Elas assimilam que a identidade de gênero é imutável, não pode ser conversado e que é algo abominável. Não havendo espaço para estas questões internas, no caso das crianças estes desejos acabam se isolando no campo da fantasia, dentro do qual as crianças abrigam todos os conflitos.

É muito claro que as escolas do período fundamental não estão preparadas para receber e trabalhar crianças transgêneros. Existe apenas um ambulatório para crianças transgêneras no país. Professores não são preparados para aceitar crianças transgêneros e trabalhar questões de gênero nas salas de aula. Neste ano, uma escola cancelou imediatamente a matrícula de uma aluna ao perceber que ela era trans.

Porém, na maior parte dos casos, na adolescência, é que estes sentimentos explodem transparecem. E por transparecer, mesmo que sejam sinais, é quando se inicia para eles os problemas sociais. O que acontece é que ele não consegue mais lidar com as pessoas do seu sexo e não é aceita pelas pessoas do seu gênero. Isto leva ao isolamento social e conseqüentemente a situações, que podem chegar a serem graves, de bullying. Relatos de bullying contra a população LGBT são frequentes, quase que universais. Envolvem humilhações, perseguições, violações, agressões físicas e morais. Para ilustrar a situação geral das vítimas de bullying, vamos fazer uma descrição técnica. O bullying contra transgêneros tem as características de ser persistente, inconstante e progressivo. Persistente porque perdura por anos, mesmo após ataques mais graves ou a promessa dos agressores que os ataques se encerraram, novos ataques voltam a ocorrer mais cedo ou mais tarde. Progressivo pois os ataques se agravam com os anos. O aumento da crueldade

anima os agressores. E inconstante porque a vítima não sabe onde e quando virá um ataque. Não sabe para onde se dirigir ou as medidas para se proteger.

Isto torna o dia a dia de um transgênero uma constante tortura. Ao contrário das vítimas comuns de bullying, o ser transgênero passa a ser uma justificativa aceitável para a violência. Ou seja, na perspectiva dos agressores, colegas, e de alguns professores, diretores e funcionários, a vítima é a causadora ou merecedora da violência.

O resultado é que 85% dos transgêneros não conseguem terminar o ensino médio. Não aguentam ficar na escola e se torna muito difícil trazê-los de volta à escola para terminar seus estudos na vida adulta.

Após o ingresso na vida adulta, transgêneros passam a ter o desafio da aceitação na vida familiar. Cerca de 90% são excluídos ou expulsos da família. Sem estudos, e sem aceitação no mercado de trabalho, o destino desta grande parcela é as ruas e prostituição.

Com relação à violência nas ruas, o Brasil é o país que mais registra mortes de transgêneros no mundo. São aproximadamente 150 por anos e os números vêm aumentando nos últimos anos. A polícia e delegacias são também um constante agente de violência. Há registros de violência, recusas e transferências indevidas por parte de hospitais. Atualmente, por causa da violência e exclusão, a expectativa de vida de um transgênero é de apenas 35 anos, metade da média brasileira. Devido à pressão social, cultural e violência, a probabilidade de um transgênero desenvolver depressão é quatro vezes a da população geral, e com dez vezes mais chances de ideação suicida.

De forma que o panorama atual é que transgêneros não têm direito à educação, vida familiar, emprego, segurança e saúde. Nem mesmo o direito ao uso de ba-



nheiros em espaços públicos. Ou seja, de forma geral, não são cidadãos. É importante frisar que a luta da comunidade transgênera, como muitos pensam, não é por privilégios, mas sim por direitos. São por pontos que permitiriam a inclusão dos transgêneros na sociedade, inclusive na universidade. E principalmente pelo fim da cultura e da banalização da violência.

# DEPOIMENTOS

# FORMAS DE VIOLÊNCIA

## Níveis de convivência

Aceitar, respeitar

Negar, odiar e agredir

nome/pronome civil

piadas/brincadeiras/sarcasmo

física

assédio

bullyng

sexual

## Universidade exclusivo

Tratamento no gênero errado

Trote

Isolamento

Bullying

Banheiros

Dificuldade em vagas em repúblicas

Moradias

Violência moral

Piadas

Violência física

Leves - também é violência

Agressivas

Constrangimento em festas

Uso de álcool

incentivo para agressores

Testosterona nula

Mais fracas que mulheres (?)

Pelo COI competem em times femininos

Também é covardia

# O QUE FAZER EM CASO DE TESTEMUNHAR OU FOR VÍTIMA DE VIOLÊNCIA

Importância da denúncia

(falta texto)

Denunciar mesmo que o agressor seja professor

Punição: único jeito de parar

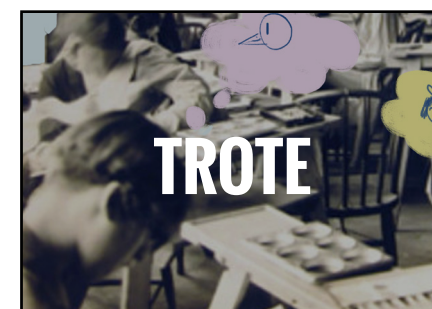
Meios de denúncia

Ouvidoria: Também recebe e apura violência. Não é só reclamações administrativas

Sigilo: denúncia anônima

As denúncias coletivas

Usar também: Coletivos Direção, Servidores, Professores conscientes, Transgêneros



LEIA TAMBÉM

## PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NA UNESP

Grupo de Prevenção da  
Violência na Unesp

Clodoaldo Meneguello Cardoso  
Daniela Mourão  
Fernanda Henriques  
Maíra Gebara da Silva  
Maria Aparecida Domingues

Mariana Iamaguti  
Oscar D'ambrosio  
Raul Aragão Martins  
Sergio Adorno  
Clodoaldo Meneguello Cardoso

Daniela Mourão  
Fernanda Henriques  
Maíra Gebara da Silva

